

Parte II — Diplomacia da Saúde e Covid-19
**17. A Covid-19 na Ásia-Pacífico e no Oriente Médio:
fragilidades reveladas, tensões exacerbadas e reposicionamento
de aliados estratégicos**

Lúcia Marques

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

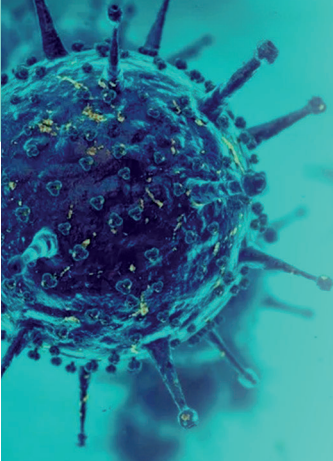
MARQUES, L. A Covid-19 na Ásia-Pacífico e no Oriente Médio: fragilidades reveladas, tensões exacerbadas e reposicionamento de aliados estratégicos. In: BUSS, P.M., and FONSECA, L.E. eds. *Diplomacia da saúde e Covid-19: reflexões a meio caminho* [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19 Fiocruz; Editora FIOCRUZ, 2020, pp. 263-280. Informação para ação na Covid-19 series. ISBN: 978-65-5708-029-0. <https://doi.org/10.7476/9786557080290.0018>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



A Covid-19 na Ásia-Pacífico e no Oriente Médio

fragilidades reveladas, tensões exacerbadas e reposicionamento de aliados estratégicos

Lúcia Marques

No fim de 2019, quando a epidemia ainda estava só na China, ninguém imaginava que meses depois o mundo estaria vivendo uma das maiores crises sanitárias e, conseqüentemente, econômica, social, humanitária, política, diplomática e de governança global da história da humanidade.

O momento inicial de espanto e incredulidade foi logo substituído pelo momento de acreditar que o recolhimento e o distanciamento social, além de conterem a propagação veloz do novo vírus, trariam mais solidariedade, trariam mais reflexão sobre consumo e preservação ambiental, e que por isso a Terra se recuperaria. E que logo tudo voltaria ao normal. Mas, passado esse momento lúdico, os efeitos sobre a economia, as incertezas sobre o futuro próximo, que ficou mais distante, as discordâncias entre governos e ciência, a difícil e ética escolha entre preservação da vida e preservação da economia se somaram às fragilidades sociais trazidas à tona pela pandemia, configurando um cenário de desafios e tensões de ordem mundial. Novo normal, nova ordem global, nova Guerra Fria, nova globalização, nacionalismo e autossuficiência são expressões que passaram a ser usadas no novo contexto.

As tendências geoestratégicas e geoeconômicas que já se desenhavam antes do coronavírus foram aceleradas pela pandemia e as respostas, inicialmente sanitárias, evoluíram para ações políticas e estratégicas voltadas para a autossuficiência e para um reposicionamento em uma nova ordem mundial. As fragilidades econômicas e sociais reveladas, as fraquezas de governança, as tensões exacerbadas e as novas tensões afloradas são fatores importantes nesse contexto para a compreensão do cenário de desafios para os países da Ásia-Pacífico (AP) e do Oriente Médio (OM) durante e, principalmente, no pós-pandemia, inclusive para paz e segurança.

No momento, vamos vislumbrando trajetórias possíveis e confirmando tendências, pois as mudanças na economia, na sociedade e na governança global ainda estão em curso. A pandemia segue desafiando o conhecimento científico e as capacidades dos governos, diariamente. Segue pressionando por soluções médico-científicas e acirrando disputas tecnológicas e comerciais, incluindo acusações de espionagem e monopolização antecipada pelos países ricos de milhões de doses de vacinas contra a Covid-19. E, simultaneamente, contribuindo para reforçar discursos populistas, protecionistas e antimultilateralistas, do cada um por si, o que aumenta o risco de conflitos. Somam-se a esses ingredientes ações de grupos terroristas que veem na pandemia uma oportunidade para firmar sua força (Voronkov, 2020; Guterres, 2020a).

É desse mosaico de questões, fragilidades reveladas, tensões exacerbadas e reposicionamento de aliados estratégicos nos países componentes dessas duas grandes regiões do globo que vamos tratar neste capítulo.

A PANDEMIA E SUAS CIRCUNSTÂNCIAS NAS REGIÕES

Ásia-Pacífico (AP) e Oriente Médio (OM) reúnem mais de 65 países e territórios e mais de um quarto da população mundial, com grande diversidade cultural, religiosa, socioeconômica e política; têm similaridades quanto a fragilidades dos sistemas de saúde (ou ausência destes), mas vivem realidades diferentes: conflitos históricos ou consequentes de novos arranjos de interesses e fontes de riqueza baseada no petróleo e no turismo religioso, no OM; grande migração de trabalhadores, interdependência da cadeia de suprimentos e fontes de riqueza baseada no turismo cultural e de belezas naturais, na tecnologia de ponta e em insumos estratégicos, na AP.

As ações imediatamente adotadas pelos Estados para conter o Sars-CoV-2 deram bons resultados, mas as consequências econômicas pressionaram os governos pela abertura antes da hora. As diferenças entre os países das duas regiões começaram a aparecer, seja pelo modelo de desenvolvimento econômico, como em Singapura e em alguns países árabes, seja pela estrutura organizacional do Estado, como na Índia; seja pelo seu tamanho, como na Nova Zelândia, no Vietnã e nos Emirados Árabes, seja pela capacidade implantada de testagem, como na Coreia do Sul, na China e em Singapura; seja pelo grande número de pessoas em situação vulnerável, como nos países árabes em conflito e nos países que abrigam grande número de refugiados.

Muitas desigualdades e fragilidades sociais e sanitárias foram trazidas à tona e ganharam enorme visibilidade nas duas regiões: favelas e assentamentos com alto índice populacional, sem serviços adequados de água e saneamento; trabalhadores informais,

trabalhadores migrantes desamparados; refugiados e deslocados e o drama humanitário dos conflitos; sistemas de saúde precários, pouco inclusivos ou ausentes, com falta de estrutura de serviços e de profissionais da saúde; carga de doenças tratáveis ou evitáveis; fome e desnutrição; desigualdades; risco do retorno do casamento infantil.

ÁSIA-PACÍFICO

São 49 países e territórios, dois deles os mais populosos do mundo: China e Índia. Dois vizinhos que nestes tempos de pandemia protagonizam, em lados opostos, junto com Rússia e Estados Unidos da América (EUA), um importante jogo geopolítico em torno de uma nova ordem mundial.

A pandemia não se espalhou tão rapidamente na região como se viu em outras partes do mundo. As lições aprendidas com outras epidemias, como a de Sars (síndrome respiratória aguda grave), foram aplicadas. Os governos agiram rápido, fechando fronteiras, implantando o isolamento social, fazendo testagem e rastreamento de contatos, por exemplo, e a transmissão da Covid-19 se manteve sob controle. E vem se mantendo na maioria dos países, com raras exceções. No entanto, a incidência do Sars-CoV-2 variou em toda a região e atingiu países e populações mais vulneráveis de forma mais impactante: mulheres, trabalhadores informais e migrantes. Não foi preciso muito tempo para que as fragilidades dos serviços básicos e a falta de políticas públicas em questões cruciais evidenciassem os novos e urgentes desafios para os governos. Novas lições estão sendo aprendidas.

Apesar do forte crescimento econômico dos países da região e da boa resposta contra a pandemia, o recém-divulgado [relatório das Nações Unidas](#) (ONU) sobre o impacto da Covid-19 na região chama atenção para os altos níveis de desigualdade, baixos níveis de proteção social e um grande setor informal, bem como para uma regressão em paz e justiça e para os níveis preocupantes de danos ao ecossistema, perda de biodiversidade, emissão de gases de efeito estufa e qualidade do ar (UN, 2020a). Mesmo antes da pandemia, os países estavam longe de alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) até 2030. Mesmo assim, desenvolveram boa capacidade de resposta a emergências em saúde pública e de detecção precoce e notificação de epidemias. Um exemplo dessa contradição é a Índia: país densamente populoso, com 70% da população vivendo na pobreza (IDH 0,647), grandes favelas, sistema de saúde desigual, apresenta, no entanto, crescimento econômico e importante desenvolvimento em tecnologia da informação e em insumos e suprimentos estratégicos para saúde e indústria farmacêutica.

Os danos econômicos da pandemia foram mais sentidos nos países mais dependentes da cadeia de suprimentos da China, para indústria, comércio, além do turismo, muito forte na região. O Banco Asiático para o Desenvolvimento (ADB) disponibilizou financiamentos e realizou várias ações para socorrer os países-membros (ADB Covid-19 Policy Database, 2020). Os governos locais implantaram várias medidas fiscais e monetárias para aliviar a tensão imediata. Alguns países adotaram subsídios financeiros, isenção de impostos, suspensão temporária de pagamentos, implementação de *home office* e cofinanciamento de salários (Singapura e Camboja), suspensão ou redução da contribuição para o fundo de pensão (China, Malásia e Vietnam), assistência social temporária (Malásia e Singapura), adicional do cartão de alimentos (Indonésia), descontos em água e luz (Tailândia e Malásia), seguridade social para os desempregados (Filipinas).

Por outro lado, surgiram oportunidades para países produtores de equipamentos e insumos médicos, que realocaram suas produções para fornecer suprimentos para países do Ocidente. E que, além disso, têm *expertise* no desenvolvimento e uso de tecnologias digitais e de inteligência artificial para rastreamento de contatos e para sistema monetário digital.

A guerra comercial entre China e EUA favoreceu esse movimento num primeiro momento, mas a disputa comercial entre as duas grandes potências evoluiu rapidamente para um embate diplomático e ideológico que, no fundo, é um embate tecnológico – liderança da próxima geração de tecnologias. E já provoca mudanças no cenário geopolítico da região, com reposicionamento de aliados e novos arranjos.

Os países e territórios vizinhos observam esses movimentos com atenção e preocupação e se articulam para cooperar regionalmente seja para garantir o livre-comércio e recuperar a economia a curto prazo, seja para garantir crescimento e reduzir as desigualdades no médio prazo, seja para garantir segurança e paz.

Alianças e acordos estratégicos têm sido firmados e ao mesmo tempo decisões e relatórios econômicos foram resgatados, alguns elaborados ainda em meados de 2019. Na ocasião, os países estavam identificando fragilidades e definindo ações tanto sanitárias quanto econômicas para emergências provocadas por patógenos e por desastres naturais ou causados pelo homem (**Declaração de Délhi**) (WHO, 2019).

Os escritórios regionais da Organização Mundial da Saúde (OMS) Ásia Sudeste e Pacífico Ocidental trabalharam em um **Plano Estratégico para Covid-19 OMS Ásia-Pacífico** (WHO, 2020). A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) produziu dois relatórios orientadores para a região e mais um

terceiro em parceria com a Asean (Associação dos Estados-Membros do Sudeste Asiático)¹ para a futura recuperação econômica (Asean & OECD, 2020).

A Asean teve papel fundamental desde o início da pandemia no trabalho como bloco regional, articuladamente estabelecendo parcerias e colaborações com outros países e organizações multilaterais. E já foram realizadas várias discussões estratégicas para a região, sobre troca de experiências no enfrentamento da Covid-19, criação de oportunidades de recuperação econômica e mecanismos de resposta a emergências: **Declaração dos Ministros de Saúde** (Asean, 2020a), **Biodiversidade e Saúde** (Asean, 2020b), **Compartilhamento de Políticas** (Asean, 2020c); **Segurança Regional** (Asean, 2020d) e **Infraestrutura** (Asean, 2020e). A **Declaração final da 36ª Cimeira da Asean** (Asean, 2020f) reafirma a cooperação como um bloco que busca a manutenção do diálogo com outros países e organismos internacionais, promovendo a paz, a integração regional e global, a estabilidade e prosperidade, além do compromisso com a prevenção e mitigação dos impactos da Covid-19.

Em meio à Covid-19, a rivalidade sino-americana na Ásia-Pacífico

A Covid-19 aumentou as rivalidades entre os EUA e a China. As relações estão cada vez mais hostis e, em poucos meses, vimos as farpas iniciais se transformarem em ações que avançam para um terreno perigoso, apesar de os dois países ainda estarem conectados economicamente por meio de acordos comerciais. O que começou com uma disputa comercial está virando uma guerra ideológica e de valores, que já envolveu o fechamento, por determinação do governo norte-americano, do consulado chinês em Houston e, em retaliação, o fechamento do consulado americano em Chengdu, na província de Sichuan, sudoeste da China. Mas por que Houston? Por que Chengdu? Entender o significado das duas regiões para os dois países ajuda a entender o significado subjacente a esses atos e os consequentes movimentos em andamento, principalmente para a China. Esse ponto nevrálgico foi apresentado nos *Cadernos Cris-Fiocruz – Informe 15* (Marques, 2020a).

Os governos dos países asiáticos acompanham essas hostilidades e buscam se organizar multilateralmente para garantir uma região Indo-Pacífica forte e para construir mudanças de médio e longo prazos tanto em saúde quanto para políticas econômicas e sociais.

¹ A Asean foi criada em 1967, com a assinatura da **Declaração de Bangkok** pela Indonésia, Malásia, Filipinas, Singapura e Tailândia, com o propósito de cooperação nos campos econômico, social, cultural, técnico, educacional, de promoção da paz e estabilidade regional, por meio do respeito permanente (Asean, 1967). Ao longo de vinte anos, foram se associando Brunei Darussalam, Vietnã (atual presidente), Laos, Myanmar e Camboja, constituindo os 10 Estados-membros.

A ascensão de uma China assertiva na última década, com iniciativas econômicas multilaterais ambiciosas, como a **Nova Rota da Seda – Belt and Road Initiative (BRI)**, também conhecida como *One Belt, One Road* –, e a redução do papel dos EUA na ordem internacional global provocaram mudanças no equilíbrio regional e indicam mudanças no poder mundial (BRI, 2020). **Samuel Pinheiro Guimarães (2020)** traça um breve histórico do modelo de atuação das duas potências e descreve as diferentes estratégias na luta pela hegemonia entre os dois países.

A China se tornou importante parceiro econômico para os países da Ásia-Pacífico e ao mesmo tempo estabeleceu redes comerciais por todo o mundo. Os EUA têm grandes interesses na região e estão de olho nos movimentos chineses no mar da China Meridional.² Prato cheio para pressões diplomáticas. Uma ideia de um bloco Indo-Pacífico Livre e Aberto (Foip, Free Open Indo Pacific) vem sendo defendida pelos EUA e pelo chamado Quad, Diálogo Quadrilateral de Segurança, fórum informal para troca de informações e exercícios militares no Indo-Pacífico constituído por Austrália, Índia, Japão e EUA – e podemos incluir aí Israel e Coreia do Sul, que, além de cooperação econômica, propõem o aprofundamento de contramedidas militares entre potências semelhantes. “Seja por motivos ideológicos, seja por interesses e rivalidades regionais, (esses países) são vistos como potenciais aliados em uma política de enfrentamento à China” (**Amorim, 2020**).

Heydarian (2020) e **Horimoto (2020)** falam sobre alguns desses movimentos em busca de multilateralidade e de livre abertura inclusiva e democrática. A iniciativa Foip se propõe livre e aberta, mas seu discurso é visto com ceticismo pelo Sudeste Asiático e é evitado pela Asean, por verem na estratégia uma contenção mal disfarçada contra a China. Para os Estados asiáticos, a China é uma parte indispensável e deve ser engajada por meio da Asean ou de outros mecanismos multilaterais. De seu lado, a China vem trabalhando para acelerar a assinatura de adesão da iniciativa RCEP (Regional Comprehensive Economic Partnership), proposta de livre-comércio na região Indo-Pacífico entre os dez Estados-membros da Asean (Brunei, Camboja, Indonésia, Laos, Malásia, Mianmar, Filipinas, Singapura, Tailândia e Vietnã) e cinco dos seus parceiros (Austrália, China, Japão, Nova Zelândia e Coreia do Sul). A Índia reluta em aderir à iniciativa, temendo perder espaço comercial: as empresas indianas são quase totalmente contra, mas os diplomatas indianos são a favor. Japão tem feito pressão para a adesão da Índia. O RCEP está sendo considerado o maior acordo comercial do mundo e impulsionará o comércio em todo o grupo, reduzindo tarifas, padronizando regras e procedimentos

² Wikipedia, 2020.

alfandegários e ampliando o acesso ao mercado, especialmente entre países que não têm acordos comerciais em vigor. E os EUA não estão nele.

E não devemos perder de vista os seis pontos sensíveis para os EUA no embate com a China: tecnologia 5G; corrida espacial para Marte (sonda e minirobô teleguiado); satélite de comunicação quântica (sistema de comunicação de longa distância, impossível de ser espionado ou hackeado); ações da China no mar da China Meridional. (*Cadernos Cris-Fiocruz – Informe 11*) (Marques, 2020b); ações da China em Hong Kong; ações da China contra a etnia muçumana uigur no Sudoeste Asiático (*Cadernos Cris-Fiocruz – Informe 15*) (Marques, 2020a).

ORIENTE MÉDIO

A região é um caldeirão em ebulição desde os tempos bíblicos. Lealdades e rivalidades históricas. É o local de nascimento e centro espiritual do cristianismo, islamismo, judaísmo, zoroastrismo, yazidi (curdos), mitraísmo, maniqueísmo e baha'i. São 18 países e territórios em uma região geograficamente pequena, mas com localização estratégica: se estende do Mediterrâneo ao golfo Pérsico e limita-se com o mar Vermelho, importante rota marítima comercial. Seu solo é desértico, mas no subsolo estão 60% das reservas de petróleo e gás natural do mundo.

O Oriente Médio é palco de disputas entre potências por fatores geoestratégicos (localização entre Ásia e Europa, petróleo, água); conflitos religiosos (cristãos maronitas e ortodoxos, judeus, muçumanos, xiitas, sunitas, curdos e outros). Algumas alianças se formam pontualmente, mas algumas oposições e influências são clássicas: os pró-Irã e os contra Irã; Rússia e seus aliados *versus* EUA e seus aliados. Posicionamentos que definem os destinos das sofridas populações.

Os confrontos bélicos atuais já geraram milhões de refugiados e deslocados internamente, colapsaram as infraestruturas de saúde e de educação, com restrições de alimentos e de medicamentos. São tantos agravos que fazem com que a pandemia Covid-19, em alguns países, seja mais um problema entre muitos, inclusive para a ajuda humanitária. A emergência sanitária não conseguiu frear os conflitos nem impulsionar iniciativas de paz. Pelo contrário, alguns grupos e movimentos terroristas estão usando a pandemia para ampliar e fortalecer suas ações. As principais relações e conflitos podem ser acessados nos *Cadernos Cris-Fiocruz*, **Informe 9** (Marques, 2020c).

E como o Sars-CoV-2 atinge todos os países, incluindo aqueles que hospedam os 76 milhões de refugiados e pessoas deslocadas à força, a situação se torna mais crítica porque mais de 80% desses refugiados estão em países de baixa e média rendas, em

acampamentos ou em áreas urbanas densamente povoadas, muitas vezes vivendo em condições inadequadas, com saúde pública limitada e frágil ou ausente, além de não terem completo acesso a instalações de saneamento e sistemas de proteção social. Além disso, alguns desses países anfitriões ainda vivem fortemente atingidos por seus próprios conflitos internos e por fome, pobreza e outras doenças epidêmicas, como cólera, malária, dengue, sarampo, poliomielite.

A maioria dos países da região tem no petróleo sua principal fonte de renda e está vendo sua riqueza cair com o confinamento imposto para conter a Covid-19. O preço do petróleo já estava em baixa antes da pandemia; agora, com queda no consumo à medida que as pessoas foram parando (o ar chegou a ficar mais limpo em algumas cidades), despencou. Omã, Kuwait e Arábia Saudita já estão queimando suas reservas, cortando gastos e até mesmo tomando empréstimos. Alguns já vinham buscando opções para substituir a renda proveniente do petróleo, uma vez que o mundo já fala em alternativas aos combustíveis fósseis. E mesmo depois da pandemia, os preços do óleo negro não devem melhorar rapidamente, portanto os países precisam se mexer mais rápido. No âmbito do seu plano estratégico Visão 2030, a Arábia Saudita melhorou sua infraestrutura para atrair turistas e realizar grandes eventos culturais. Com a pandemia, isso caiu por terra. Outra consequência da queda da produção do petróleo na região foi o retorno dos trabalhadores migrantes que estavam nos oleosos países vizinhos.

Dos países árabes, os Emirados Árabes Unidos têm conseguido manter as contas equilibradas e lançado pacotes financeiros para ajudar a reduzir os efeitos econômicos da pandemia. Outro lançamento que ganhou as mídias mundiais foi o da sonda Hope, do porto espacial do Japão. Os Emirados planejam se tornar um ator importante na indústria espacial; será um impulso para os negócios, segundo o Ministério da Economia Digital, Inteligência Artificial e Sistema de Trabalho Remoto. A sonda Hope vai percorrer 495 milhões de quilômetros e deve chegar a Marte em fevereiro de 2021, coincidindo com o aniversário de 50 anos da formação dos Emirados. China e EUA também lançaram suas sondas para estudar o planeta vermelho. Outra iniciativa dos Emirados, visando à produção de energia limpa, foi a construção da primeira usina nuclear para produção de energia, com tecnologia sul-coreana.

Aumento de impostos, cortes de salário e propostas de privatizações são algumas das soluções propostas pelos governos, mas não foram bem recebidas pelo povo, com muitos desempregados. Além disso, Estados árabes que costumavam se ajudar estão deixando de fazê-lo, seja pela queda na economia, seja por seus posicionamentos nos conflitos regionais.

Outra consequência num futuro não tão distante envolve a **insegurança alimentar** na região (Karasapan, 2020). O alerta vem da Rede Global Contra a Crise Alimentar, aliança das Nações Unidas e agências parceiras (FSIN, 2020; UN, 2020c). Os países árabes são grandes compradores de alimentos. A queda na economia provocada pela pandemia poderia levar mais 265 milhões de pessoas à insegurança alimentar e desnutrição. O acirramento dos conflitos e as consequências das mudanças climáticas – praga dos gafanhotos e seca – só pioram a situação.

As **Nações Unidas analisaram o impacto da Covid-19 na região** (UN, 2020b) e, apesar de a pandemia não ter reduzido os conflitos, a ONU enxerga algumas oportunidades para a região, baseadas na cooperação multilateral. Algumas das respostas dos países à pandemia, tanto para controle quanto para recuperação da economia, poderiam ser aproveitadas para fazer avançarem as discussões sobre direitos humanos, reconciliação, deslocamentos, desafios humanitários, para analisar as causas básicas dos conflitos e buscar uma paz sustentável e para **fazer progressos tangíveis em direção** ao crescimento, prosperidade, equidade e justiça social para todos (Guterres, 2020b). Nesse processo de possibilidades de reconstrução, os investimentos chineses no âmbito da Rota da Seda podem ser uma alternativa para a cooperação.

A iniciativa Nova Rota da Seda (BRI) e investimentos no Oriente Médio

A política externa do governo Donald Trump afastou os EUA do Oriente Médio. Rússia reduziu seu interesse de garantir o porto sírio, no Mediterrâneo. Situação perfeita para a China investir mais na região e, ao mesmo tempo, garantir o acesso ao mar Vermelho e ao Mediterrâneo, ao petróleo e gás natural.

Também conhecida como One Belt, One Road, a Nova Rota da Seda – Belt and Road Initiative (BRI) é uma ambiciosa estratégia de desenvolvimento que envolve cooperação internacional, lançada pelo governo chinês em 2013, com dois braços: um recria a antiga rota através da Ásia Ocidental e da Europa; o segundo abre novos caminhos por vários oceanos e mares. Propõe uma **rede de parcerias com dezenas de países** (Visual Capitalist, 2020) ao redor do mundo mediante projetos de comércio, energia e infraestrutura, como rotas marítimas, ferrovias e aeroportos na Ásia Central, no Sudeste Asiático, no Oriente Médio, na África e na América Latina e Caribe.

A **BRI** (2020) é o projeto central da política externa da China e busca o intercâmbio entre países, com promoção de diálogos, em vez de confrontação. Já foram assinados duzentos documentos de cooperação, com 138 países e trinta organizações internacionais, segundo o **site oficial** da iniciativa (The People's Republic of China, 2020).

Para entender um pouco mais sobre a iniciativa e sobre a própria China, recomendo a leitura do artigo do Pablo Ibañez (2020), “[Geopolítica e diplomacia em tempos de Covid-19: Brasil e China no limiar de um contencioso](#)”, e do capítulo deste e-book sobre o país, preparado pelo André Lobato.

Em meio à pandemia, o país de Xi Jinping segue firme para consolidar a BRI, que ao mesmo tempo é uma ofensiva contra a estratégia americana de aplicar sanções. China e Irã fecharam uma ampla parceria econômica e de segurança que mina os esforços do governo Trump de isolar o governo iraniano por causa de suas ambições nucleares e militares. E cria mais pontos de tensão na já deteriorada relação com os EUA. A presença chinesa será ampliada em bancos, telecomunicações, portos, ferrovias e dezenas de outros projetos. No âmbito da parceria militar, China terá uma base na região, além de treinamento e exercícios conjuntos, pesquisa conjunta e desenvolvimento de armas e compartilhamento de inteligência, e ainda garante à China fornecimento de petróleo iraniano nos próximos 25 anos. O acordo é estratégico para os dois países: o Irã ganha fôlego financeiro e a China se torna um jogador importante para a geopolítica no Oriente Médio, uma vez que os EUA perderam o interesse na região.

O interesse da China na Ásia Ocidental e no Oriente Médio não é de agora.³ O país se aproximou do Afeganistão e mantém diálogos com o governo afegão e o Talibã; ampliou sua participação no Paquistão, investindo em infraestrutura e apoio financeiro; mantém acordos com a Arábia Saudita que envolvem licença para quatro campos de exploração: no Qatar, fabricação de petróleo. Além desses, mantém uma base militar no Djibouti, no chamado Chifre da África, na parte estreita do mar Vermelho – região de redes de vias navegáveis entre Mediterrâneo e oceanos Índico e Pacífico, assim como de redes de comunicação em alto-mar. E assim vai construindo um caminho para acesso a *commodities* na Nova Rota da Seda; além disso, a [expansão logística](#) fortalece laços políticos e diplomáticos (Visual Capitalist, 2020).

Corredor internacional Índia-Rússia

O Irã, a Índia, a Rússia e o Azerbaijão também estão avançando para concluir o Corredor Internacional de Transporte Norte-Sul,⁴ a iniciativa própria no estilo Belt

³ A China tem acordos estabelecidos com Emirados Árabes Unidos, Kuwait, Turquia, Qatar, Omã, Líbano, Arábia Saudita, Bahrein, Irã, Iraque, Afeganistão, Azerbaijão, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Uzbequistão e Iêmen.

⁴ Países-membros: Irã, Rússia, Índia, Azerbaijão, Armênia, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Ucrânia, Bielorrússia, Omã e Síria.

and Road: uma rota de carga de ferrovias e porto da Índia para o norte da Rússia. Esse corredor também conectaria o Cazaquistão, que é descrito pela China como a “fivela” da BRI.

TRABALHADORES MIGRANTES, REFUGIADOS E DESLOCADOS E TERRORISMO

A Covid-19 é um teste não apenas para nossos sistemas de saúde e mecanismos de assistência médica para responder a doenças infecciosas, mas também de nossa capacidade de trabalhar juntos como uma comunidade de nações diante de um desafio comum. Além desses desafios muito imediatos, o caminho do coronavírus também testará, sem dúvida, nossos princípios, valores e humanidade compartilhada.

Michelle Bachelet e Filippo Grandi, Alto
Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

O cenário pandêmico não apenas colocou em xeque os sistemas de saúde dos países, ele trouxe à tona as questões trabalhistas, sociais e de direitos humanos, principalmente da população **migrante e dos refugiados e deslocados** (UN, 2020d), fruto da falta de políticas públicas, do modelo de crescimento econômico adotado e de muitos conflitos.

Somam-se a essas questões a de como lidar com os grupos extremistas e grupos de ódio que estão explorando os impactos da pandemia da Covid-19 para espalhar medo, violência e divisão. O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), **Guterres** (2020a), já alertou para a importância de implementar políticas de combate ao terrorismo e seu financiamento. Falou também das novas e emergentes formas de terrorismo – uso de tecnologia digital, ataques cibernéticos e bioterrorismo – e da importância de envolver os jovens, a sociedade civil e a mídia para prevenir o extremismo violento: “Devemos aproveitar o poder do multilateralismo para encontrar soluções práticas”. Entenda mais sobre os grupos terroristas e onde atuam nos *Cadernos Cris-Fiocruz*, **Informe 12** (Marques, 2020d).

A maioria dos países asiáticos concentrou seu modelo de desenvolvimento econômico apoiado na absorção da mão de obra barata dos migrantes, seja de regiões do próprio país, seja de países vizinhos. Os migrantes representam 40% de todos os trabalhadores da região e, devido às péssimas condições de abrigo, à falta de acesso a serviços de saúde, à perda do emprego e da capacidade de retornar aos seus países e regiões de origem, estão sendo duramente atingidos pela pandemia. Alguns países

estão começando a rever a situação, como Índia e Singapura, onde vivem milhões de trabalhadores migrantes. Situações diferentes que exigem soluções urgentes.

Na Índia, a força de trabalho é composta por trabalhadores que se deslocaram das regiões rurais para os grandes centros. Durante o bloqueio para conter a Covid-19, o governo indiano tomou uma série de decisões apressadas e atrapalhadas, causando sofrimento e desordens que, inclusive, contribuíram para espalhar o vírus para as regiões rurais. O governo foi duramente criticado e já começou a trabalhar mudanças. Índia preparou plano para atrair de volta aos centros urbanos os trabalhadores migrantes que fugiram para suas aldeias rurais. O plano, chamado de Housing for All, envolve parcerias público-privadas (PPPs) e prevê o desenvolvimento de moradias com preços de aluguel acessíveis e conversão de habitações vazias do governo em complexos habitacionais acessíveis, até 2022. A previsão é de criar 20 milhões de novas unidades urbanas e 30 milhões de casas rurais. Mas os críticos alertam que será preciso mais do que uma casa para atrair esses trabalhadores que, no início do *lockdown*, foram obrigados a percorrer centenas de quilômetros a pé e a implorar por alimento (*Cadernos Cris-Fiocruz, Informe 6*) (Marques, 2020e).

Outro problema é que na Índia há mais de duzentas leis trabalhistas em vigor e o governo trabalha para tentar concentrá-las em quatro grandes leis. Numa tentativa simplista, classifica os trabalhos em: qualificados, não qualificados, formais e informais. Mas as mudanças que começam a ser implementadas vão contra o interesse dos trabalhadores, principalmente em unidades industriais: aumento de horas trabalhadas sem pagamento de horas extras. O abuso acontece quando esses trabalhadores que perderam suas rendas por conta da crise da pandemia aceitam a situação, o que contraria a convenção da Organização Internacional do Trabalho, como já denunciado a esse órgão internacional.

Em Singapura, o modelo econômico adotado priorizou o crescimento acelerado e optou pela mão de obra barata e transitória dos trabalhadores migrantes estrangeiros, que hoje são cerca de 1,5 milhão de pessoas, das quais cerca de 320 mil estão acomodadas em grandes complexos de dormitórios. A responsabilidade pelo bem-estar social dos trabalhadores ficou nas mãos dos empregadores. Nos dormitórios, a aglomeração dos trabalhadores resultou em grande número de contaminados pela Covid-19. O governo implantou forças-tarefa para testagem, acompanhamento médico e psicológico, e houve uma grande campanha para evitar discriminação contra esses trabalhadores. A campanha teve resultados positivos, com engajamento da população e de empresas, inclusive com doação de *tablets* para cursos e jogos cognitivos. Com novo parlamento recentemente eleito, o governo agora está revendo as legislações trabalhistas e está

focado em capacitação da população singapurense para substituição a médio e longo prazos da mão de obra estrangeira.

O Grande Oriente Médio, que envolve também países árabes do Mediterrâneo e da Ásia Central, é a região com maior número de refugiados e deslocados internamente. E também a região onde estão os países que mais abrigam refugiados – fronteiriços às zonas de conflito –, muitos dos quais mal se recuperaram dos conflitos vividos, com infraestruturas de água e saúde sobrecarregadas, como Turquia (maior número de refugiados), Iraque, Paquistão, Líbano, Jordânia, Irã. São mais de 76 milhões de pessoas afetadas.

Consequentemente, as respostas precisam ser rápidas, não só para atender essas pessoas, mas também para dar apoio financeiro aos países anfitriões, para que possam assimilar essa população de refugiados e incluí-la em seus sistemas nacionais de saúde e de seguridade. Mais de 80% dos refugiados do mundo estão hospedadas em países de baixa e média rendas. Eles frequentemente enfrentam desafios e vulnerabilidades específicos que devem ser levados em consideração nas operações de prontidão e resposta ao Covid-19. Saiba mais sobre quem são e onde estão os refugiados da região no **Informe 9**, dos *Cadernos Cris Fiocruz* (Marques, 2020c).

A ONU chama a atenção para os campos de refugiados em situações precárias, com as pessoas em barracas e acesso limitado a instalações de higiene. E o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) cita o caso do assentamento Bazar de Cox, em Bangladesh, que não conseguiu evitar a pandemia de Covid-19. O campo abriga mais de 860 mil refugiados rohingyas, fugidos de Myanmar.

No link <<https://www.unhcr.org/refugeebrief/>> (UNHCR, 2020) pode-se acompanhar a atualização semanal sobre os refugiados no mundo.

Outro problema sério para o qual **organizações** (Girls Not Bride, 2020) não governamentais, juntamente com **UNFPA** (ONU, 2020) e Unicef, estão alertando é o risco da volta dos casamentos entre crianças na Índia, na Síria, no Iêmen, em Bangladesh, no Nepal e em países africanos. A crise pode desfazer uma década de trabalho destinado a acabar com essa prática: além do trabalho interrompido dos agentes, o fechamento das escolas e a perda dos meios de subsistência podem levar famílias a casarem suas filhas cedo (menos uma boca para alimentar).

CENÁRIO DE DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Retomando o pensamento voltado para um mundo melhor no pós-pandemia – mesmo com ela ainda em andamento –, sabemos que o momento é de reflexão sobre economia, saúde pública, desigualdades, ambiente e globalização no futuro que queremos daqui em diante, o novo normal. E que a nossa resiliência envolve mais do que a capacidade de se recobrar, de recuperar o equilíbrio, de voltar à forma original: será preciso ter capacidade de desenvolver novos olhares e novos pensamentos para novos caminhos.

Recentemente, a Asean reuniu **especialistas globais** da área econômica para discutir ideias e políticas para recuperação pós-pandêmica (Asean, 2020g). Além de destacarem a importância da cooperação e parceria multilateral, o grupo recomendou que se aproveite o período da pandemia para mudar a maneira como as coisas são feitas no sentido de maior inclusão, sustentabilidade e resiliência. Toda crise é uma oportunidade para repensar as prioridades, segundo Maria Demertzis, vice-diretora do *think tank* Bruegel, dedicado à pesquisa de políticas sobre questões econômicas (Bruegel, 2020).

Como bem observa **Lutfey Siddiqi (2020)**,⁵ é imperativo que os governos adotem uma abordagem proativa, não apenas para proteger os empregos existentes em empresas existentes, mas para promover os setores econômicos do futuro e ajudar na transição de habilidades para os empregos do futuro, isto é, enxergar as janelas de oportunidades.

Nessa equação de cenários futuros de curto, médio e longo prazos, a humanidade, de forma geral, também terá que se organizar para mitigar os riscos associados às futuras pandemias, às mudanças climáticas, à inteligência artificial não gerenciada – o uso da tecnologia inteligente para monitoramento da pandemia cresceu sem regramento legal de privacidade.

Precisamos de países menos dependentes em bens e serviços essenciais, como alimentos e suprimentos médicos. E precisamos também diversificar as cadeias de suprimentos e de fontes de alimentos; reter e atrair talentos e investimentos; melhorar suas redes de segurança social; transformar empresas e modelos de negócios em campos mais promissores; globalizar serviços e capacitar em tecnologias emergentes; capacitar mulheres.

Além disso, os impactos na economia/indústria globalizada – dependência de fornecedores distantes – vão exigir **novas estratégias e mais cooperação** (Derviş & Strauss, 2020) para o pós-pandemia, um melhor modelo de globalização: empresas manufatu-

⁵ Professor visitante na London School of Economics e professor adjunto da Universidade Nacional de Singapura, membro do Fórum Econômico Mundial Global.

reiras locais com globalização de serviços; tecnologia e *softwares* para teletrabalho; telemedicina; telerrobótica; computação em nuvem; comércio eletrônico etc., que inclusive não são tão suscetíveis a restrições diretas de políticas, taxas e sanções comerciais, por exemplo. O modelo econômico do futuro será, indiscutivelmente, baseado em dados digitais. A expansão das ações humanas envolverá a nuvem, o mundo digital.

Outro cenário que os governantes terão que enfrentar o quanto antes é a situação dos trabalhadores migrantes e dos refugiados, não só na Ásia-Pacífico e no Oriente Médio. E não dá para esperar o pós-Covid; para muitos, é uma situação de vida ou morte. Enfrentar esse problema que esteve negligenciado por tanto tempo é essencial; a pandemia mostrou que, em todo o mundo, muitos serviços essenciais fundamentais são exercidos por trabalhadores migrantes. São médicos, enfermeiros, profissionais da saúde, motoristas de entrega, de empilhadeiras em portos e aeroportos, de TI, de construção, de mineração, de áreas rurais/agrícolas. Uma reforma nas regras de política de migração pode fazer com que tanto trabalhadores migrantes quanto refugiados se tornem ativos e não onerosos para os sistemas nacionais de saúde e seguridade social dos países anfitriões. E podem contribuir com suas habilidades para a reconstrução no pós-pandemia.

* * *

No momento de finalização deste ensaio (11/08/2020), o número de casos na Índia segue em crescimento acelerado (2.215.074 casos e 44.386 óbitos) e o país ocupa o terceiro lugar na estatística mundial, atrás dos EUA (5.053.133 casos e 162.950 óbitos) e do Brasil (3.035.422 casos e 101.049 óbitos). No Oriente Médio, o Irã registra 328.844 casos e 18.616 óbitos. Dados atualizados podem ser acessados na página do Centro de Monitoramento do Coronavírus da [Johns Hopkins University \(2020\)](#).

São números assustadores e desafiadores, que colocam para os países da região desafios a enfrentar, considerando as fragilidades reveladas, as tensões que se exacerbaram e o reposicionamento de aliados estratégicos nos países componentes dessas duas grandes regiões do globo.

REFERÊNCIAS

ADB COVID-19 POLICY DATABASE. Site. Disponível em: <<https://covid19policy.adb.org/>>. Acesso em: 18 set. 2020.

AMORIM, C. Reflexões sobre a geopolítica depois da pandemia. *Carta Capital*, São Paulo, 15 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/opiniao/reflexoes-sobre-a-geopolitica-depois-da-pandemia/>>. Acesso em: 18 set. 2020.

ASSOCIATION OF SOUTHEAST ASIAN NATIONS (ASEAN). The Asean Declaration (Bangkok Declaration) Bangkok, 8 Aug. 1967. Disponível em: <<https://asean.org/the-asean-declaration-bangkok-declaration-bangkok-8-august-1967/>>. Acesso em: 18 set. 2020.

ASSOCIATION OF SOUTHEAST ASIAN NATIONS (ASEAN). Joint statement. Special video Conference of Health Ministers of Asean and The United States in Enhancing Cooperation on Coronavirus Disease 2019 (Covid-19) response, 30 Apr. 2020a. Disponível em: <https://asean.org/storage/2020/05/Adopted_ASEAN-US-Joint-Statement-on-Covid-19.pdf>. Acesso em: 18 set. 2020.

ASSOCIATION OF SOUTHEAST ASIAN NATIONS (ASEAN). Asean calls for nature's conservation to prevent future pandemics. Disponível em: <<https://asean.org/asean-calls-natures-conservation-prevent-future-pandemics/>>. Acesso em: 18 set. 2020b.

ASSOCIATION OF SOUTHEAST ASIAN NATIONS (ASEAN). Asean health experts share government policies in tackling Covid-19 pandemic. Disponível em: <<https://asean.org/asean-health-experts-share-government-policies-tackling-covid-19-pandemic>>. Acesso em: 18 set. 2020c.

ASSOCIATION OF SOUTHEAST ASIAN NATIONS (ASEAN). Asean Defence Senior Official's Meeting, 15 May 2020 (Videoconference). Disponível em: <<https://asean.org/asean-defence-senior-officials-meeting-video-conference-15-may-2020/>>. Acesso em: 18 set. 2020d.

ASSOCIATION OF SOUTHEAST ASIAN NATIONS (ASEAN). Asean Secretariat, Infrastructure Asia hold inaugural Asean Infrastructure Discussion Series. Disponível em: <<https://asean.org/asean-secretariat-infrastructure-asia-hold-inaugural-asean-infrastructure-discussion-series/>>. Acesso em: 18 set. 2020e.

ASSOCIATION OF SOUTHEAST ASIAN NATIONS (ASEAN). Chairman's Statement of the 36th Asean Summit, 26 June 2020f. Disponível em: <<https://asean.org/storage/2020/06/Chairman-Statement-of-the-36th-ASEAN-Summit-FINAL.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2020.

ASSOCIATION OF SOUTHEAST ASIAN NATIONS (ASEAN). Asean discusses Covid-19 recovery with global experts, 30 July 2020g. Disponível em: <<https://asean.org/asean-discusses-covid-19-recovery-global-experts/>>. Acesso em: 18 set. 2020.

ASSOCIATION OF SOUTHEAST ASIAN NATIONS (ASEAN) & ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). Enterprise policy responses to Covid-19 in Asean: measures to boost MSME resilience. Disponível em: <<https://asean.org/storage/2020/06/Policy-Insight-Enterprise-Policy-Responses-to-Covid-19-in-ASEAN-June-2020v2.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2020.

BELT AND ROAD INITIATIVE (BRI). *Site*. Disponível em: <<https://www.beltroad-initiative.com/>>. Acesso em: 18 set. 2020.

BRUEGEL. *Site*. Disponível em: <<https://www.bruegel.org/>>. Acesso em: 18 set. 2020.

DERVIŞ, K. & STRAUSS, S. What Covid-19 means for international cooperation. *Brookings*, Washington, 6 Mar. 2020. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/what-covid-19-means-for-international-cooperation/>>. Acesso em: 18 set. 2020.

FOOD SECURITY INFORMATION NETWORK (FSIN). Global Report on Food Crises: joint analysis for better decisions. Disponível em: <https://docs.wfp.org/api/documents/WFP-0000114546/download/?_ga=2.29956029.325702878.1591623739-311363809.1591623739>. Acesso em: 18 set. 2020.

GIRLS NOT BRIDE. SDGs and child marriage, July 2020. Disponível em: <<https://www.girlsnotbrides.org/resource-centre/sdgs-and-child-marriage/>>. Acesso em: 18 set. 2020.

GUIMARÃES, S. P. EUA & China: duas estratégias na luta pela hegemonia. *Outras Palavras*, São Paulo, 12 maio 2020. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/eua-china-duas-estrategias-na-luta-pela-hegemonia/>>. Acesso em: 18 set. 2020.

GUTERRES, A. Secretary-General's remarks at the opening of the Virtual Counter-Terrorism Week United Nations [as delivered]. *United Nations Secretary-General*, New York, 6 July 2020a. Disponível em: <<https://www.un.org/sg/en/content/sg/statement/2020-07-06/secretary-generals-remarks-the-opening-of-the-virtual-counter-terrorism-week-united-nations-delivered>>. Acesso em: 18 set. 2020.

GUTERRES, A. Covid-19 on the Arab Region an opportunity to build back better. *United Nations*, 2020b. Disponível em: <<https://www.un.org/en/coronavirus/covid-19-and-arab-region-opportunity-build-back-better>>. Acesso em: 18 set. 2020.

HEYDARIAN, R. J. At a strategic crossroads: Asean centrality amid Sino-American rivalry in the Indo-Pacific. *Brookings*, Washington, Apr. 2020. Disponível em: <https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2020/04/fp_20200427_strategic_crossroads.pdf>. Acesso em: 18 set. 2020.

HORIMOTO, T. Indo-Pacific order and Japan-India relations in the midst of Covid-19. *Journal of Asian Economic Integration*, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177%2F2631684620940476>>. Acesso em: 18 set. 2020.

IBAÑEZ, P. Geopolítica e diplomacia em tempos de Covid-19: Brasil e China no limiar de um contencioso. *Espaço e Economia*, 18(9), 2020. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/espacoeconomia/13257>>. Acesso em: 18 set. 2020.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY (JHU). Covid-19 Dashboard by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins University (JHU). Disponível em: <<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>>. Acesso em: 18 set. 2020.

KARASAPAN, O. Middle East food security amid the Covid-19 pandemic. *Brookings*, Washington, 14 July 2020. Disponível em: <https://www.brookings.edu/blog/future-development/2020/07/14/middle-east-food-security-amid-the-covid-19-pandemic/?utm_campaign=brookings-comm&utm_medium=email&utm_content=91603800&utm_source=hs_email>. Acesso em: 18 set. 2020.

MARQUES, L. Resposta da Ásia Sudeste, Pacífico Ocidental e Oriente Médio à Covid-19. *Cadernos Cris-Fiocruz, Panorama da Resposta Global à Covid-19*, 15, Rio de Janeiro, 2020a, p. 36-39. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/43124/2/INFORME_15.pdf>. Acesso em: 18 set. 2020.

MARQUES, L. Resposta da Ásia Sudeste, Pacífico Ocidental e Oriente Médio à Covid-19. *Cadernos Cris-Fiocruz, Panorama da Resposta Global à Covid-19*, 11, Rio de Janeiro, 2020b, p. 37-43. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/43120/2/INFORME_11.pdf>. Acesso em: 18 set. 2020.

MARQUES, L. Resposta da Ásia Sudeste, Pacífico Ocidental e Oriente Médio à Covid-19. *Cadernos Cris-Fiocruz, Panorama da Resposta Global à Covid-19*, 9, Rio de Janeiro, 2020c, p. 49-56. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/43118/2/INFORME_9.pdf>. Acesso em: 18 set. 2020.

MARQUES, L. Resposta da Ásia Sudeste, Pacífico Ocidental e Oriente Médio à Covid-19. *Cadernos Cris-Fiocruz, Panorama da Resposta Global à Covid-19*, 12, Rio de Janeiro, 2020d, p. 37-41. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/43121/2/INFORME_12.pdf>. Acesso em: 18 set. 2020.

MARQUES, L. Resposta da Ásia Sudeste, Pacífico Ocidental e Oriente Médio à Covid-19. *Cadernos Cris-Fiocruz, Panorama da Resposta Global à Covid-19*, 6, Rio de Janeiro, 2020e, p. 30-34. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/43034/2/INFORME_6.pdf>. Acesso em: 18 set. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Casamento infantil. *ONU News*, 2020. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/tags/casamento-infantil>>. Acesso em: 18 set. 2020.

SIDDIQI, L. Nine policy taboos overturned by Covid-19. *LSE Business Review*, 1 May 2020. Disponível em: <<https://blogs.lse.ac.uk/businessreview/2020/05/01/nine-policy-taboos-overturned-by-covid-19/>>. Acesso em: 18 set. 2020.

THE UN REFUGEE AGENCY (UNHCR). Resumo Semanal dos Refugiados. *The Refugee Brief*. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/refugeebrief/>>. Acesso em: 18 set. 2020.

THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. The State Council. *Site*. Disponível em: <<http://english.www.gov.cn/beltAndRoad/>>. Acesso em: 18 set. 2020.

UNITED NATIONS (UN). *Policy Brief: the impact of Covid-19 on South-East Asia*. New York: UN, 2020a. Disponível em: <https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/sg_policy_brief_covid_south-east_asia_30_july_2020.pdf>. Acesso em: 18 set. 2020.

UNITED NATIONS (UN). *Policy Brief: the impact of Covid-19 on the Arab Region an opportunity to build back better*. New York: UN, 2020b. Disponível em: <https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/sg_policy_brief_covid-19_and_arab_states_english_version_july_2020.pdf>. Acesso em: 18 set. 2020.

UNITED NATIONS (UN). *Policy Brief: the impact of Covid-19 on food security and nutrition*. New York: UN, 2020c. Disponível em: <https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/sg_policy_brief_on_covid_impact_on_food_security.pdf>. Acesso em: 18 set. 2020.

UNITED NATIONS (UN). *Policy Brief: Covid-19 and people on the move*. New York: UN, 2020d. Disponível em: <https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/sg_policy_brief_on_people_on_the_move.pdf>. Acesso em: 18 set. 2020.

VISUAL CAPITALIST. Rede de parcerias da iniciativa Nova Rota da Seda. Disponível em: <<https://www.visualcapitalist.com/wp-content/uploads/2020/01/chinese-diplomacy-spending.html>>. Acesso em: 18 set. 2020.

VORONKOV, V. Opening remarks Under-Secretary-General Vladimir Voronkov. In: VIRTUAL COUNTER-TERRORISM WEEK, 6 July 2020a, online. Disponível em: <https://www.un.org/counterterrorism/sites/www.un.org.counterterrorism/files/200706_usg_remarks_vctwk_opening_session.pdf>. Acesso em: 18 set. 2020.

WIKIPEDIA. Disputas territoriais no Mar da China Meridional. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Disputas_territoriais_no_mar_da_China_Meridional>. Acesso em: 18 set. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Regional Office for South-East Asia. Delhi declaration on emergency preparedness in the South-East Asia Region. In: REGIONAL COMMITTEE MEETING, 72, New Delhi, 6 Sept. 2019. Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/handle/10665/327921>>. Acesso em: 18 set. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *2019 Novel Coronavirus (2019-nCoV) Strategic Preparedness and Response Plan for the South-East Asia Region*. New Delhi: Regional Office for South-East Asia, World Health Organization, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/docs/default-source/searo/whe/coronavirus19/covid-19-sprp-whe-searo-feb-2020.pdf?sfvrsn=9ee49760_2>. Acesso em: 18 set. 2020.